



## **AS EMOÇÕES DOS EDUCANDOS DA EJA: A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE EM SEU PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM**

Cristina Valentim Lira <sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada em uma escola municipal localizado em Santa Rita-PB, onde foram entrevistados alunos dos ciclos I e II. Tendo como o objetivo principal conhecer como a afetividade pode interferir no processo de ensino-aprendizagem nos estudantes da EJA, mesmo esta modalidade de ensino tem especificidades em seu método e até mesmo em relação à qualificação de seus/as educadores/as. A Educação de Jovens e Adultos veio como meio de inclusão nas camadas mais populares, assim podendo participar da vida pública como ter o direito ao voto. O que instigou essa pesquisa foi conhecer e investigar como a afetividade pode ser utilizada como um instrumento de aprendizagem na EJA, que como dito anteriormente é uma modalidade com muitas especificações, onde a afetividade em relação à educação está estereotipada pela sociedade como instrumento apenas na educação infantil. No decorrer do artigo iremos conhecer esses entrevistados, e suas visões em relação à afetividade e se na prática funciona ou não.

**Palavras-chave:** Afetividade; EJA; ensino-aprendizagem; práticas pedagógicas.

### **INTRODUÇÃO**

Como cita Lira, (2016) o público da Educação de Jovens, Adultos e Idosos antigamente atendia apenas adultos e idosos, a presença crescente de jovens começou a partir de 1990 com a LBDEN 9394/96 que reduz a idade mínima de 18 para 15 anos para entrar nesta modalidade. Na Educação de Jovens, Adultos e Idosos existe uma grande diversidade do seu público, cada indivíduo que busca a EJA vem com suas expectativas, desejos, motivações e até um ideal de como deve ocorrer à escolarização, conforme defende Coura, Soares (2001).

Há diversos motivos para que o/a aluno/a migre para essa modalidade de ensino. Quando tratamos dos/as jovens que migram da educação “regular” para a Educação de Jovens, Adultos e Idosos, como: à reprovação, a necessidade de trabalhar, ou apenas por

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Ciências da Educação (projeto MINTER) do Instituto de Ensino Superior do CECAP-ISCECAP. Pedagoga pela UFPB. [Cristina.lira1@gmail.com](mailto:Cristina.lira1@gmail.com)



ter a ideia que na EJA irá alcançar o término dos estudos com mais facilidade e em menor tempo.

Ao começar a frequentar a Educação de Jovens, Adultos e Idosos, esses/as educandos/as enfrentam desafios diários para conseguir continuar frequentar a vida escolar, tendo como resultado desses esforços, as contribuições na sua vida familiar, profissional e principalmente na sua vida social. Esta modalidade de ensino tem especificidades em seu método e até mesmo em relação à qualificação de seus/as educadores/as. A Educação de Jovens e Adultos veio como meio de inclusão nas camadas mais populares, assim podendo participar da vida pública como ter o direito ao voto.

Porém, a qualidade da Educação de Jovens e Adultos ainda passa e necessita passar por mais adequações, para ser de fato mais do que uma modalidade de ensino para aumentar os índices de alfabetização no país, mas sim, tornar o indivíduo que busca essa modalidade em um ser humano crítico, capaz de tornar-se um/a cidadão/ã preparado/a para interagir com as demandas da sociedade atual.

Sabemos que existem diversos teóricos sobre o tema (EJA), onde se aborda como o educador deve lidar com os educandos, métodos de aprendizagem como Paulo Freire, mas surgiu a inquietude de saber como esses educandos se sentem neste contexto, ou seja, o objetivo desta pesquisa é identificar as emoções dos educandos em relação às práticas pedagógicas exercidas no seu processo de ensino-aprendizagem.

Para isto, foram entrevistados 23 educandos dos ciclos I e II e suas respectivas professoras, de uma escola pública localizado no município de Santa Rita-PB. Foi optado por ocultar o nome da instituição para não haver nenhum futuro constrangimento.

## **METODOLOGIA**

Nesta pesquisa, utilizamos a pesquisa qualitativa que de acordo com Bogdan e Biklen (1982):

A pesquisa qualitativa ou naturalística envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes (BOGDAN; BIKLEN, 1982, *apud* WOLCOTT, 1975. p.13).



A pesquisa qualitativa ajuda o/a pesquisador/a, a diminuir a distância entre ele/a o objeto de estudo assim facilitando a coleta e análise dos dados. Segundo Teixeira (2002, p. 137) “na pesquisa qualitativa o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, [...]”. Neste sentido, tais procedimentos contribuem para pesquisa no intuito de nos aproximarmos do nosso objeto de pesquisa, as teorias, levando em consideração o contexto social.

Assim escolhemos trabalhar com a pesquisa qualitativa facilitando o contato com os/as entrevistados/as, e proporcionando obter as respostas aos nossos questionamentos propostos.

## **2.2 O Estudo de caso**

O estudo de caso é um método qualitativo que consiste, geralmente, em uma forma de aprofundar uma unidade individual, como bem defende Lüdke e André (2009). Tal estratégia serve para responder questionamentos que o pesquisador não tem muito controle sobre o fenômeno estudado.

O estudo de caso contribui para compreendermos melhor os fenômenos individuais, os processos organizacionais e políticos da sociedade. É uma ferramenta utilizada para entendermos a forma e os motivos que levaram a determinada decisão. Conforme Yin (2001) o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que compreende um método que abrange tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados. A pesquisa ocorreu com 23 educandos dos ciclos I e II, entre os meses de setembro e outubro do ano de 2019, no período noturno. O contato com a escola se deu através da diretora que foi muito receptiva e permitiu que ocorresse a pesquisa na instituição de ensino.

## **2.3 Os procedimentos/instrumentos de coleta de informação**

Para conseguir com eficiência os dados necessários para esta pesquisa, foram necessários alguns instrumentos de coleta, sendo eles a roda de conversa e a análise documental dos documentos da escola e a observação dos participantes.



## REFERENCIAL TEÓRICO

Para mergulharmos nesse contexto das emoções dos educandos, foi preciso buscar teóricos como Fernandes (1991), Dantas (1992), Snyders (1993), Freire (1994), Codo e Gazotti (1999) entre outros, que aborda o afeto como instrumento de ensino, ressaltando que a afetividade facilita o processo de aprendizagem.

Segundo Maturana (1995), que todos nossos argumentos racionais tem fundamentos emocionais, que de certa forma condicionam ou não nossas limitações, ou seja, se o educador trabalhar de forma que as emoções/afetividade dos seus educandos não os limitem em seu processo de ensino-aprendizagem, mas que essas emoções sejam escadas para facilitar ao acesso do ensino.

Quando Maturana (1995) destaca em seu discurso que a partir do momento que vemos o homem como um animal racional, existe uma grande valorização da “razão em detrimento às emoções” (CAMARGO, 2005, p. 98), ou seja, a emoção e a razão está unidas e trabalhando para a constituição do homem.

Quando tratamos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, as emoções são mais complexas, por se tratar desse público que a EJA atende como Arantes (2003, p.28) diz que,

Seres humanos adultos, pertinentes a diferentes grupos culturais, têm os caminhos de seu desenvolvimento psicológico fortemente marcados por essa pertinência. Os processos cognitivos e afetivos, os modos de pensar e sentir, são carregados de conceitos, relações e práticas sociais que os constituem como fenômenos históricos e culturais. Mais uma vez trata-se, aqui, da importância central, dada por Vygotsky, aos instrumentos e signos, mediadores dos processos psicológicos.

Atualmente, se é debatido entre professores e pesquisadores da área sobre as emoções/afetividade no processo de ensino-aprendizagem, onde se cria um ambiente saudável, tendo condições para o educador e os educandos fazerem suas reflexões e suas práticas criando um contexto de possibilidade real daquele educando. Porém nos anos das décadas de 1990, Freire já traziam em seu discurso a importância da “valorização” da emoção/afetividade no ambiente de aprendizagem.

Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor



quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que a minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade (FREIRE, 1999a, p. 159-160).

A utilização da afetividade nesse processo, de forma saudável é visto positivamente, porém ainda há muito o que ser descoberto nesta complexidade que é o ser humano, principalmente quando trazemos tais pontos para a EJA.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já dito anteriormente, participaram voluntariamente 23 alunos que fazem parte dos ciclos I e II de uma escola municipal localizado em Santa Rita-PB. A roda de conversa foi o ponto primordial desta pesquisa pois foi o momento que pode ser analisado os educandos, onde eles tiveram a liberdade e o conforto de expor suas ideias e opiniões sobre o que eram indagados de forma natural.

A seguir, alguns recortes desses depoimentos onde os educandos relatam suas emoções e como a afetividade ajuda ou não no processo de ensino-aprendizagem, vale ressaltar que as perguntas foram construídas com uma linguagem simples para que os educandos compreendessem e se sentissem dentro de ambiente confortável e agradável.

Para conhecer os educandos, foi perguntado qual motivo deles ter procurado esta modalidade de ensino?

“Minha *fia*, eu sou lá de Monteiro mais de 300km daqui sabe, e quando era nova, criança não tinha isso de ser letrado não, desde novinha ajudava minha mãe na roça e depois casei, nunca vivi para mim sempre pros outros. Só que sempre fui muito curiosa e só agora tomei coragem *pra* vim [escola] por que é muito feio ficar perguntando as coisas aos outros[...]” **Aluna A 53 anos**

“[...] eu tive oportunidade de estudar quando era pirraí, só que não quis só queria ficar soltando pipa, ai quando fiz 15, 16 anos meu pai me botou pra trabalhar com ele no pessado ai casei veio filho ai não quis estudar mais não[...] to aqui por existencia da muier (risos)” **Aluno D 58 anos**



Depois de conhecer os educandos, foi questionados sobre o dia a dia dentro da sala de aula, o ambiente com os colegas e a professora.

“Ah! Eu gosto muito (risos) coloco as fofocas em dia, vendo meus panos (panos de pratos) além de aprender né[...].” **Aluna F 42 anos**

“É bom, é bom... a professora é legal, respeita muito” **Aluno B 52 Anos**

“[...] todo mundo é legal na hora de brincar brinca, na hora de ser sério é sério” **Aluno C 50 anos**

Também foi questionado, sobre a maneira da professora ensinar, se é fácil, ou as vezes eles tem dificuldade de compreender, ou seja, a relação aluno e professora.

“ Não tenho o que reclamar, ela é sempre muito atenciosa, e tem muita paciência principalmente(risos)” **Aluno D 56 anos**

“[...] comparando com a outra (do ciclo anterior) é muito melhor, ela fala nossa lingua sabe!? Mesmo sendo novinha ela fala coisas do nosso dia sabe!? Ela nos escuta, e compreende[...].” **Aluno G 60 anos**

Na fala desses educandos fica claro a afetividade da turma entre si, e principalmente da professora em questão, onde esses educando se sentem acolhidos e facilitam o seu processo de ensino-aprendizagem. Vygotsky traz em seu discurso a importância do professor como mediador nesse processo (CAMARGO,2005).

Durante a pesquisa, foi observado que as professoras dos ciclos I e II, mantêm uma relação estreita nos planejamentos, onde ambas buscam maneiras de “abrigar afetivamente” esses alunos e que tenham resultados reais em suas práticas pedagógicas. Foi questionado a ambas, como é incluir a afetividade em suas práticas pedagógicas?

“Quando falamos de afetividade na educação sempre nos remetemos a educação infantil onde a tia é aquela pessoal amavel, legal, que tenha uma linguagem infantil. Quando tratamos da EJA, é possível sim incluir a afetividade mais de forma bem diferente já que estamos com um público mais velhos que a gente mesmo, pessoas que vem com uma bagagem enorme, onde temos que ter em mente que muitos vem direto do trabalho. Se não tivermos um olhar diferenciado, uma afetividade como compreender que naquele dia o aluno tá de mal humor, ou por ser de outra geração se comunica de forma bruta. Então cabe nós educadores mostrar a esses alunos que



eles são capazes de aprender, sem impor nada, de forma natural, do cotidiano deles.” **Professora do ciclo I**

“[...]o importante aqui é eles se sentirem respeitados, e a afetividade é uma porta, caminho para este público.” **Professora do ciclo II**

Desde modo, fica claro que a afetividade é um “instrumento” de primeiro de conquista desses educandos para assim poder ocorrer efetivamente o processo de ensino-aprendizagem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa demonstra que diversos fatores fazem os educandos buscar a modalidade da EJA, porém só estes motivos não são o suficiente para eles continuarem. Os educadores vendo esta realidade buscam várias alternativas para continuar com este público, e uma delas é a afetividade. Nesse pequeno grupo que participou da pesquisa, foi notório que teve resultados positivos a partir do momento que as educadoras viram e utilizaram a afetividade como um instrumento de ensino-aprendizagem, onde os educandos demonstraram em seus discursos, que o ambiente criado por estas educadoras, é um ambiente agradável, assim fazendo com que esses alunos se sintam acolhidos e a vontade, para questionar quando necessário e se permitir aprender propriamente dito.

Sabemos que existe um amplo leque de teóricos que abordam o tema, porém como pesquisadora me senti privilegiada por presenciar durante os meses que ocorreu a pesquisa, métodos, formas ou outro nome que se designa as práticas pedagógicas. Um ambiente que realmente tem educadoras comprometidas, mesmo com todos os problemas estruturais e econômicos da escola, que na pesquisa completa se faz ressalva, e mesmo assim, as mesmas conseguem utilizar a afetividade com este público, mesmo com todas as singularidades e respeitando os mesmos sem os infantilizar, e o principal, que realmente auxilia no processo de ensino-aprendizagem desses educandos que buscam lugar e serem reconhecidos na sociedade.

## **REFERÊNCIAS**



ARANTES, Valéria Amorim (org.). Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003.

CAMARGO, Poliana S. A. Santos. Percepções de alunos jovens e adultos sobre o processo de ensino-aprendizagem. 2005. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

CODO, Wanderley; GAZZOTI, Andréa A. Trabalho e afetividade. In: CODO, Wanderley. Educação: carinho e trabalho. Petrópolis; Brasília: Vozes; CNTE, 1999.

FERNANDES, Ademilson Aparecido Tenório. Quem tem medo de matemática? Sentimentos envolvidos no processo ensino-aprendizagem de matemática por alunos da suplência. 2004. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004a.

FERNANDES, Dorgival Gonçalves. Alfabetização de jovens e adultos: pontos críticos e desafios. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2004b.

FERNANDES, Magda Marly. Autonomia e a independência de jovem com deficiência mental: depoimentos sobre esses objetivos do SAESP. 2002. 164 f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999a.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999b.

\_\_\_\_\_. Política e educação. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

LIRA, Cristina Valentim. **As contribuições do processo de escolarização na visão dos estudantes da educação de jovens e adultos:** reflexões a partir do seu cotidiano. 2016. 68 folhas. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa – PB.

MATURANA, Humberto. Emociones y lenguaje en educacion y politica. Chile: Dólmen Ediciones, 1995.